

## **O INÍCIO É O FIM: consumo cultural e o discurso sobre a infância no documentário “O começo da vida”<sup>1</sup>**

### **THE START IS THE END: cultural consumption and the discourse about childhood in “The beginning of life”**

Juliana Doretto<sup>2</sup>

Thaís Furtado<sup>3</sup>

**Resumo:** “O começo da vida” é um documentário que pretende propulsionar um movimento pelos cuidados com a primeira infância a partir do consumo cultural. Tendo como objetivo examinar a possível relação entre o espectador imaginado da obra e a construção da narrativa fílmica, este trabalho analisa a organização discursiva do documentário e os efeitos de verdade estabelecidos por ele. Conclui-se que o filme, ainda que defenda medidas importantes de proteção para as crianças pequenas, constrói um discurso de exclusão, em meninos e meninas das classes mais altas terão possibilidade de vir a ser bons adultos, mas os mais pobres não. Assim, não se trata apenas de valorizar o começo da vida, mas de desenhar um único início possível e, de modo determinista, defender que a partir dele toda a trajetória da criança será estabelecida.

**Palavras-chave:** Primeira infância. Análise do Discurso. Consumo.

**Abstract:** “The beginning of life” is a documentary that intends to stimulate a movement in defense of the early childhood, from the cultural consumption. This work has the aim of examining the possible relationship between the implied spectator of the film and the construction of its narrative. For this, we analyzed the discursive organization and the truth effects established by this discourse. We concluded that the film, while advocating important measures of protection for young children, constructs a discourse of exclusion, in which children from higher classes will have the possibility of becoming a good adult, but the poorer ones do not. In other words: the movie values the beginning of life, but it also draws a single possible start, in a deterministic way. It defends that the child’s whole trajectory is established from the early childhood.

**Keywords:** Early childhood. Discourse analysis. Consumption.

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Consumos e Processos de Comunicação do XXVII Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte - MG, 05 a 08 de junho de 2018.

<sup>2</sup>Jornalista. Doutora em Ciências da Comunicação (Universidade Nova de Lisboa), mestre na mesma área (USP) e professora da Faculdade das Américas. Membro do Grupo de Estudos de Linguagem: Práticas Midiáticas (MidiAto). jdoretto@gmail.com.

<sup>3</sup>Jornalista. Doutora em Comunicação e Informação (UFRGS), mestre em Letras/Análise do Discurso (UFRGS), professora do curso de Jornalismo, Departamento de Comunicação, UFRGS. Membro do Núcleo de Pesquisa em Jornalismo (Nupejor). thaisfurtado93@gmail.com.

## 1. Introdução

“O Começo da Vida é um filme-convite. As histórias desses bebês de diferentes continentes, por sua força, nos convocam a ser um agente de mudança na nossa sociedade. [...] Um movimento global a partir de um documentário.” É assim que o site da Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, voltada à primeira infância e mantida pelos herdeiros do extinto banco Mercantil<sup>4</sup>, apresenta o documentário “O começo da vida” (Estela Renner, 2016), do qual é uma das patrocinadoras. Na página, veem-se indícios de uma superprodução: a obra foi filmada em oito países (Brasil, EUA, Canadá, Itália, China, Argentina, Índia e Quênia), reúne 170 entrevistas e tem versões disponíveis dubladas e legendadas em seis línguas. Ainda segundo o site, que mostra também as fotos e qualificações dos quase 30 especialistas em infância que foram entrevistados no documentário, a obra pode ser resumida assim:

O filme retrata famílias de diferentes culturas, nacionalidades e realidades socioeconômicas revelando aquilo que nos torna diferentes e o que é essencial para todos. A diretora visitou diversos países para tentar entender e mostrar a distância entre o que a Ciência tem falado sobre o desenvolvimento das crianças e os contextos e situações vividos pelas famílias. Será que teoria e prática estão próximas?<sup>5</sup>

No site da Fundação, vê-se ainda que, em 2016, “o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) anunciou o longa-metragem como plataforma de divulgação mundial da campanha de primeira infância”. Há também um cartaz que reforça a ambição internacional do projeto: “Assista de qualquer lugar do mundo! Disponível no VideoCamp”. Esse é nome da plataforma on-line, trilingue (português, inglês e espanhol), na qual a obra pode ser vista (de modo gratuito, mas apenas se sessões públicas forem realizadas). Veja abaixo (FIG. 1):

---

<sup>4</sup> Ver: <https://exame.abril.com.br/revista-exame/bilionarios-com-causa/>.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.fmcsv.org.br/pt-BR/impacto/o-comeco-da-vida/>. Acesso em 2 fev. 2019. De todos os patrocinadores, é o único a dedicar uma página ao filme.



FIGURA 1: Imagem de divulgação do filme, no site da Fundação Maria Cecília Souto Vidigal

FONTE: <https://www.fmcsv.org.br/pt-BR/impacto/o-comeco-da-vida/>.

Na página, há um link para o site oficial do documentário<sup>6</sup>, em que aparece um slogan, em destaque: “um filme sobre o recomeço da humanidade”. Uma caixa de texto no lado direito reforça a ideia: “acreditamos que mudar o começo da história é mudar a história toda”. Logo abaixo, há um “botão” que convida: “faça parte do movimento”. Clicando ali, chega-se ao perfil do filme no “VideoCamp”, em que se descobre que a obra foi patrocinada também pelo Unicef, pela fundação holandesa Bernard Van Leer — criada por um industrial da área de embalagens em 1949 e que desde os anos 60 foca seu trabalho em “crianças pequenas”<sup>7</sup> — e pelo Instituto Alana – voltado ao “direito e o desenvolvimento integral da criança”<sup>8</sup> e presidido por Ana Lúcia Vilela, uma das herdeiras do banco Itaú<sup>9</sup>.

Ana Lúcia, aliás, assina o argumento do filme com a amiga de infância Estela Renner<sup>10</sup>, que também dirige a obra e é sócia da produtora Maria Farinha Filmes. No site do Alana, essa empresa aparece como uma das pertencentes ao AlanaLab, “núcleo de negócios” do instituto e que “busca transformação social por meio do investimento em empresas e iniciativas de comunicação de impacto”. O AlanaLab “participa na gestão das empresas da organização, das quais também é sócio”<sup>11</sup>.

<sup>6</sup><https://ocomecodavida.com.br/>.

<sup>7</sup> Ver: <https://bernardvanleer.org/pt-br/about-us/>.

<sup>8</sup> Ver: <https://alana.org.br/#sobre>.

<sup>9</sup> Ver: <https://www.istoedinheiro.com.br/ana-lucia-villela/>.

<sup>10</sup> Ver: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/entrevista-com-ana-lucia-villela-topo-do-ranking-da-forbes-e-coracao-do-instituto-alana>.

<sup>11</sup> Ver: <https://alana.org.br/saiba-mais/>.

No material de divulgação do filme para a imprensa<sup>12</sup>, vê-se que o fundador da Maria Farinha, aberta em 2008, é Marcos Nisti, marido de Ana Lúcia Villela e vice-presidente do Instituto Alana. Por fim, nesse material, descobre-se mais sobre a força da exibição internacional do filme, por meio da fala de Luana Lobo, sócia e diretora de distribuição da Maria Farinha Filmes e cocriadora do Videocamp: “[...] conseguimos criar uma estratégia de distribuição global, focada em promover o filme em 193 países”. Dentro desse plano, está o acesso, pago, pelas plataformas de *streaming* iTunes, Google Play e Netflix (que já não exhibe mais o longa-metragem). Além disso, o material diz que a obra já está legendada em 21 idiomas, como árabe, finlandês e indonésio, ampliando o número indicado pela Fundação.

De volta ao site oficial, observa-se, no menu, o botão “Movimento”, do qual saem outras páginas, contendo mais materiais ligados ao filme, como infográficos, *spots* de rádio e vídeos curtos sobre a primeira infância, além de sugestões de bibliografia e sites (incluindo os dos patrocinadores) e informações sobre uma série homônima ao filme, disponível no VideoCamp e também na Netflix (os episódios trazem material não utilizado na montagem do documentário)<sup>13</sup>. Podemos, portanto, compreender que o movimento proposto “pela causa da primeira infância” se traduz, basicamente, em materiais de mídia para consumo: seja o filme, seja a série, sejam os vídeos e áudios complementares, sejam as publicações relacionadas à obra. Portanto, o “convite” do qual falamos acima não é de engajamento em uma campanha política organizada ou de participação em ações concretas, mas ver o filme e refletir: “[...] estamos cuidando bem dos primeiros anos de vida, que definem tanto o presente quanto o futuro da humanidade?”, conforme diz a sinopse da obra no VideoCamp. A estratégia, então, seria estimular o consumo de ideias e de um estilo de vida a partir da mídia. Mas quem pode ser atingido com esse movimento baseado no consumo cultural?

É essa audiência imaginada que queremos encontrar, investigando os modos de organização do discurso do documentário e os “efeitos de verdade” por ele construídos: por meio dessa estratégia, queremos identificar a representação de primeira infância que os realizadores do filme apresentam como aquela que deva ser consumida por esse público. O escopo deste trabalho nos impede de analisar como se dá de fato a interpretação da obra, mas entende-se que essa projeção de espectador é parte importante do processo de

---

<sup>12</sup>[https://ocomecodavida.com.br/wp-content/uploads/2016/11/PressBook\\_O-Comeco-da-Vida.pdf](https://ocomecodavida.com.br/wp-content/uploads/2016/11/PressBook_O-Comeco-da-Vida.pdf)

<sup>13</sup> Ver: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/televisao,o-comeco-da-vida-rende-serie-para-a-netflix-e-gnt,1889291>.

consumo/recepção, pois marca as condições em que essa apropriação se dará, como falaremos mais adiante.

## 2. O consumo e “O começo da vida”

Silverstone (2005) destaca o consumo como um processo de mediação: os materiais e serviços que consumimos vão além da utilização imediata, mas se vinculam aos nossos modos de enxergar o mundo e de construir e expressar valores. Nesse processo — discursivo, portanto —, a mídia é elemento central, pois é por meio dela que produtos e ideias são oferecidos aos consumidores/receptores, num menu constantemente renovado. No movimento a favor da causa pela primeira infância desenhado pelo filme, o que nos parece ser proposto é a *construção de um discurso sobre as crianças pequenas* — um bem simbólico, portanto, conjugado a um material, como o longa-metragem — a ser consumido, ou seja, incorporado e replicado no cotidiano, não apenas no Brasil, mas também em outros países.

Consumimos a mídia. Consumimos pela mídia. Aprendemos como e o que consumir pela mídia. Somos persuadidos a consumir pela mídia. A mídia, não é exagero dizer, nos consome. E, como já opinei e continuarei a argumentar, o consumo é, ele mesmo, uma forma de mediação, à medida que os valores e significados dados de objetos e serviços são traduzidos e transformados nas linguagens do privado, do pessoal e do particular. Consumimos objetos. Consumimos informação. Mas, nesse consumo, em sua trivialidade cotidiana, construímos nossos próprios significados, negociamos nossos valores e, ao fazê-lo, tornamos nosso mundo significativo (SILVERSTONE, 2005, p. 150).

Baccega reforça e amplia essa ideia, afirmando que os bens consumidos têm sua divulgação concretizada tanto pela mídia quanto pela comunicação interpessoal: “Comunicação e consumo formam um todo indivisível, interdependente” (BACCEGA, 2012, p. 253), sintetiza. A autora afirma ainda que esse consumidor/receptor não incorpora de modo alienado, sem criticidade, as ideias que lhe são oferecidas no processo comunicacional. Ao contrário: como mostra a tradição dos estudos culturais, em suas vertentes inglesa e latino-americana, os sujeitos dialogam com os valores consumidos, já que eles são ora rechaçados, ora aceitos, ora parcialmente adotados, de acordo com as crenças, tradições, rotinas, desejos de futuro e classes sociais dos indivíduos.

Assim, o consumo não é uma série de ações irrefletidas, induzidas pela propaganda ou pelo marketing, mas um modo de *construção de identidade*, por meio da apropriação não apenas dos bens materiais, mas também dos discursos (bens simbólicos) a eles vinculados.

“Comprar objetos, pendurá-los ou distribuí-los pela casa, assinalar-lhes um lugar em uma ordem, atribuir-lhes funções na comunicação com os outros, são os recursos para se pensar o próprio corpo, a instável ordem social e as interações incertas com os demais” (CANCLINI, 1999, p. 83).

Do ponto de vista discursivo, Ellsworth (2001) também nos ajuda aqui, ao falar sobre obras cinematográficas e seus processos de consumo, dizendo que quem dá sentido a uma narrativa são os espectadores, que respondem aos filmes a partir de lugares que são diferentes daqueles de que o filme fala. Ou seja, na sua visão, o público não é passivo e faz diferentes leituras de uma mesma narrativa. Fausto Neto (1995) também defende que não se pode falar da passividade do leitor no âmbito do discurso, já que ele precisa fazer “elos associativos”, baseados nos seus próprios saberes. Além disso, para o autor, o emissor, ao estruturar o discurso, vale-se da noção de que o receptor já sabe algo sobre aquilo que lhe é dito – o que também pode ser relacionado com o seu imaginário individual. O enunciador então propõe um lugar ao receptor, que investe “por conta própria e à sua maneira no discurso que lhe é apresentado” (FAUSTO NETO, 1995, p. 202). Ou seja, o receptor interage com outros sujeitos, saberes e imaginários, possibilitando uma entre múltiplas leituras possíveis.

Voltando a “O começo da vida” e o discurso por ele proposto, notamos que uma das instituições sociais que financiaram a obra aparece em destaque: o Alana, já que o instituto tem participação direta na produção do filme por meio de um de seus braços, a Maria Farinha Filmes. Em razão disso, vale retomar o trabalho de Orofino (2012), quando ela analisa o principal projeto do Alana (Criança e Consumo), que combate a publicidade dirigida à infância. A pesquisadora afirma que a medida tende mais a “ativar o pânico moral do que propor mediações e intervenções críticas e criativas, tanto nas escolas como movimentos sociais bem como junto ao mercado e à indústria, inclusive. E a criança é concebida como um sujeito social indefeso, inocente, não inteligente, não consciente” (OROFINO, 2012, p. 230). Conclui-se, portanto, que há um ideal de infância construído no ativismo do Alana que parece redutor em relação à capacidade de agência da criança.

Nesse sentido, como já dito, nos interessa entender melhor o discurso sobre a infância edificado no documentário “O começo da vida”, partindo do pressuposto de que há também nele a advocacia de um projeto de infância idealizado, a ser consumido discursivamente pela sociedade. Para realizar esta análise, escolhemos como chave teórico-metodológica a relação entre *espectador/leitor imaginado* do filme, a *organização do discurso* da obra e os *efeitos de*

*verdade* construídos nesse arranjo estrutural. A atenção para o público idealizado se dá porque compreendemos que, a despeito da tentativa de projeção global do projeto, trata-se de um bem material pago (para ver o filme hoje é preciso alugá-lo ou comprá-lo em um serviço de *streaming*; a plataforma VideoCamp só o disponibiliza para quem fizer sessões coletivas), vinculado ao on-line. Isso indica que há um recorte de público na audiência ambicionada pelo filme, delimitado em parte por critérios socioeconômicos: “O consumo, diz Manuel Castells, é um lugar onde os conflitos entre classes, originados pela desigual participação na estrutura produtiva, ganham continuidade através da distribuição e apropriação de bens” (CANCLINI, 1999, p. 78). O fato de o filme ter o envolvimento de organizações criadas ou geridas por herdeiros de grandes fortunas deve também ser levado em conta, como informação de contexto.

Cabe ainda ressaltar que, assim como é necessário debater sobre a relação entre infância e consumo resguardando os direitos da criança (não apenas os de proteção, mas também os de participação), é vital oferecer medidas de apoio para o desenvolvimento das crianças pequenas. Como já dissemos, o filme traz entrevistas com especialistas, que falam sobre a importância da primeira infância, além dos depoimentos de pais e avós (de diferentes classes sociais) sobre como cuidam das crianças de zero a seis anos. Não se trata aqui de discordar da premissa do filme, das opiniões dos estudiosos, das experiências narradas ou da importância de criar um movimento em torno dessa causa, mas de avançar na compreensão das estratégias discursivas da obra, analisadas na perspectiva mais ampla do consumo em que elas estão envolvidas. Além disso, identificar o discurso construído e veiculado midiaticamente, suas estratégias de verdade, incoerências e/ou solidez é trabalho importante do pesquisador da comunicação social: “Um trabalho científico não tem por vocação pôr em julgamento as instâncias responsáveis pelas organizações sociais. Entretanto, cabe destacar as *contradições de certas práticas* e as transgressões a regras que, se fossem acatadas, contribuiriam para um *melhor convívio social* (CHARAUDEAU, 2017, p. 13, grifos nossos).

## **2. O espectador/leitor imaginário do documentário**

Tendo apresentado e contextualizado o filme “O começo da vida”, discutiremos quem é o seu espectador – ou leitor, considerando a narrativa do filme como um texto – imaginado. Para isso, é necessária uma reflexão sobre os conceitos de imaginário. Como diz Ruiz (2004), todo mundo é capaz de entender o que é o imaginário, mas ao mesmo tempo não é fácil

conceituá-lo. “O imaginário sempre deverá ser descrito pelos seus efeitos, pois nunca poderá ser explicado por meio de definições conclusivas” (RUIZ, 2004, p. 30). Para o autor, o imaginário é a potencialidade criadora do humano e não pode ser determinado por qualquer tipo de lógica. Mas, ao mesmo tempo, não pode existir senão imbricado na racionalidade. “O imaginário é pura potencialidade de renovar o sentido já existente” (RUIZ, 2004, p. 51). Mas essa criação de sentido só pode se manifestar a partir da lógica. Daí a complexidade de entendimento do termo.

Silva (2003) afirma que todo imaginário é real e todo real é imaginário. O autor explica que, no sentido mais convencional, o imaginário opõe-se ao real, pois a imaginação apenas representa esse real, distorcendo-o, idealizando-o e formatando-o simbolicamente. Mas “numa acepção mais antropológica, o imaginário é uma introjeção do real, a aceitação inconsciente, ou quase, de um modo de ser partilhado com outros, com um antes, um durante e um depois” (SILVA, 2003, p. 9). Silva (2003, p. 12) conclui que “o imaginário é uma distorção involuntária do vivido que se cristaliza como marca individual ou grupal”. O autor diz que o imaginário individual pode se dar de três formas: por identificação (reconhecimento de si no outro), por apropriação (desejo de ter o outro em si) e por distorção (reelaboração do outro para si). Já o imaginário social se estrutura principalmente por contágio e das seguintes formas: por aceitação do modelo do outro (lógica tribal), por disseminação (igualdade na diferença) e por imitação (distinção do todo por difusão de uma parte). O que nos interessa neste momento é relacionar essas noções com o espectador/leitor imaginado pelo documentário “O começo da vida”.

Elizabeth Ellsworth (2001), ao falar sobre cinema, trata do conceito de modo de endereçamento como um evento que ocorre em algum lugar entre o social e o individual. Ou seja, num espaço que é social, psíquico, ou ambos, entre o texto do filme e os usos que o espectador faz dele. A partir dessa perspectiva, Ellsworth afirma que os filmes são realizados para alguém que é necessariamente imaginado. Além disso, a autora acredita que os realizadores dos filmes estão, com frequência, muito distanciados dos espectadores reais. “As distâncias podem ser econômicas, temporais, sociais, geográficas, ideológicas, de gênero, de raça” (ELLSWORTH, 2001, p. 13). Portanto, os realizadores precisam tomar decisões sobre a narrativa dos filmes a partir de pressupostos sobre qual eles querem que seja o seu público. O conceito de modo de endereçamento está baseado no argumento de que o filme só se



“completará” se o espectador imaginado ocupar a posição que lhe é oferecida, mesmo que ele não se enquadre naquele imaginário.

Ellsworth conclui que as suposições conscientes ou inconscientes sobre a pessoa para a qual o filme está sendo endereçado deixam traços na própria obra. E, para compreender um filme, o receptor precisa adotar, mesmo que imaginária e temporariamente, os interesses sociais, políticos e econômicos propostos pelo ponto de vista apresentado. Mas “o espectador ou a espectadora *nunca* é, apenas ou totalmente, quem o filme pensa que ele ou ela é” (ELLSWORTH, 2001, p. 20, grifo da autora). É por isso que muitos filmes erram seu alvo.

Existe outra questão levantada pela autora de extrema importância: é comum que as narrativas, para proporcionarem uma grande bilheteria ao filme, sejam endereçadas a públicos que se encaixam num modelo imaginário mais aceito socialmente. No caso de “O começo da vida”, não existe uma preocupação de alcançar uma grande bilheteria — tendo em vista que o filme teve patrocinadores —, mas sim de obter uma aceitação por parte do público de uma proposta e de uma representação daquilo que os autores/produtores imaginam ser a primeira infância ideal.

Para verificar qual o espectador/leitor imaginário de “O começo da vida”, optamos por utilizar o conceito de formações imaginárias proposto pelo idealizador da Análise do Discurso (AD) francesa, Michel Pêcheux (1993). O autor afirma que o discurso não é a transmissão de informação entre um sujeito A (destinador) e B (destinatário), e sim um “efeito de sentidos” entre A e B. Mas esses sujeitos não são físicos: “A e B designam lugares determinados na estrutura de uma formação social” (PÊCHEUX, 1993, p. 82). Além disso, como diz Orlandi (2000, p. 39), “não há ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis”. É importante também considerar que o sujeito tem capacidade de colocar-se no lugar do outro, regulando sua argumentação de acordo com o efeito que pensa produzir em seu ouvinte.

Nesse processo discursivo, existe uma relação de forças. “Segundo essa noção, podemos dizer que o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz” (ORLANDI, 2000, p. 39). Isso significa que o sujeito fala a partir de um lugar (aluno, professor, mãe, filho, cineasta, espectador etc.) que terá mais ou menos autoridade. Na hipótese de Pêcheux (1993), esses lugares estão representados nos processos discursivos. “O que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles se fazem do seu

próprio lugar e do lugar do outro” (PÊCHEUX, 1993, p. 82, grifo do autor). Pêcheux, então, propõe quatro questões referentes às imagens que A e B têm sobre si e sobre o outro. Sob a perspectiva de A: “Quem sou eu para lhe falar assim?” e “Quem é ele para que eu lhe fale assim?”. Na perspectiva de B: “Quem sou eu para que ele me fale assim?” e “Quem é ele para que me fale assim?” (PÊCHEUX, 1993, p.83).

Como o objetivo neste momento é perceber qual o espectador/leitor imaginário de “O começo da vida”, levaremos em conta somente as formações imaginárias de A — o destinador —, pois trabalharemos apenas com o discurso apresentado no documentário, não sendo possível examinar como o espectador/leitor — B, ou o destinatário — interpreta esse discurso. É a resposta de “Quem é ele para que eu lhe fale assim?” que nos leva a esse espectador/leitor imaginário.

Cabe aqui esclarecer que, para considerarmos quem é o destinador (A) do discurso do filme, estamos assumindo a teoria polifônica da enunciação de Ducrot (1987). Segundo o autor, existe uma diferença entre locutores e enunciadores. Locutor é “[...] um ser que é, no próprio sentido do enunciado, apresentado como seu responsável, ou seja, como alguém a quem se deve imputar a responsabilidade deste enunciado. É a ele que refere o pronome *eu* e as outras marcas da primeira pessoa” (DUCROT, 1987, p. 182, grifo do autor). Já o enunciador é “a pessoa de cujo ponto de vista são apresentados os acontecimentos” (DUCROT, 1987, p. 195). Para se alcançar o enunciador, é preciso identificar a perspectiva a partir da qual ele enuncia (BENETTI, 2007).

No caso de “O começo da vida”, a diretora é um(a) locutor(a) (L1), cada entrevistado é outro locutor (L2, L3, L4...), e outros sujeitos que participam da construção do filme, como o restante da equipe, também são locutores. Para chegarmos à enunciação, no entanto, é preciso identificar se existem várias perspectivas enunciativas no filme — a partir desses diferentes locutores — ou se todos eles enunciam a partir de uma mesma perspectiva. Portanto, quando falamos do destinador (A) estamos falando dos locutores presentes no discurso do documentário e, ao analisar esse discurso, podemos, além de identificar o espectador/leitor imaginário, definir se o filme possui vários enunciadores — e pode ser considerado polifônico — ou se ele tem apenas um enunciador, a partir de um ponto de vista, e é um discurso monofônico.

A proposta, então, para encontrar o espectador/leitor imaginado é relacionar sequências discursivas (SDs) das “falas” do filme com as duas perguntas sugeridas por

Pêcheux (1993) para compreender a perspectiva de A: “Quem sou eu para lhe falar assim?” e “Quem é ele para que eu lhe fale assim?”. SDs, na definição de Benetti (2007), são trechos que recortamos arbitrariamente para analisar um discurso e que se relacionam ao objetivo buscado na análise.

## 2.1. Quem sou eu para lhe falar assim?

O discurso construído em “O começo da vida” parte do princípio de que a primeira infância é fundamental para o desenvolvimento de um ser humano. As falas dos entrevistados são utilizadas, no decorrer do filme, para exemplificar situações vividas e emoções que são “explicadas” pelos especialistas. São esses *experts* que dirão o que deve ser feito para que a primeira infância seja considerada bem-sucedida, como pode ser conferido nas seguintes SDS:

**SD1**-A mãe é a primeira amostra de humanidade com a qual a criança tem contato. A relação que você tem com sua mãe determina o mundo para o qual você vai entrar e o apoio que você pode esperar dos outros. [Stanislav Grof, psiquiatra do California Institute of Integral Studies, EUA]

**SD2**-Os primeiros anos são como construir a fundação de uma casa. Você constrói a estrutura sobre a qual todo resto se desenvolverá. Então, se a fundação não for bem construída no começo da vida, conforme a construção se ergue algo ruim pode acontecer. [Charles A. Nelson III, pediatra e neurocientista da Harvard Medical School e do Boston Children’s Hospital, EUA]

**SD3**-Para mim, um governo que leva a sério o desenvolvimento de suas crianças ou o futuro de sua nação deve investir na parentalidade. Criar oportunidade para os pais que permitam a eles terem a qualidade de tempo com seus filhos. [Leah Ambway e presidente da Terry Children Foundation]

Esses exemplos mostram discursos de especialistas com posições definitivas: se a primeira infância não for bem-sucedida, se os pais não tiverem qualidade de tempo com seus filhos, essas crianças não terão um futuro feliz. Dessa forma, a posição de A (destinador) marcada na fala dos especialistas é a de quem sabe dizer de forma definitiva o que é uma primeira infância satisfatória e, por consequência, o desenvolvimento de um ser humano saudável.

As falas dos entrevistados trazem exemplos que reforçam essa visão. A SD4, dita por um pai, de classe média, branco, que aparece interagindo com seus dois filhos, é um exemplo disso:

**SD4**-Eu trabalhava como físico pesquisador e estava nessa empresa há uns 12 anos. Quando eu falo para meus ex-colegas que parei de trabalhar para cuidar dos meus

filhos, eles falam: ‘Por que isso?’. E hoje, um ano depois, eu vejo que essa decisão foi uma das melhores que tomei na minha vida.

O mesmo ponto de vista é sustentado por uma mãe de classe média:

**SD5**-Eu tenho dois filhos, Joaquim e Felipe. O Joaquim tem 6 anos e o Felipe, 3 aninhos. Sou enfermeira. Trabalhei no ano passado durante o dia, e a professora do meu filho mais velho me dizia que o via angustiado, que notava que ele sentia falta dos pais durante o dia. Ao me divorciar e ficar sozinha com eles, tive que optar por trabalhar durante a noite para poder ficar com eles durante o dia. Passo o dia com eles e não posso descansar à noite. Tenho que sair para trabalhar porque minha rotina é assim e no dia estou com eles para o que precisarem. Vesti a camiseta de mãe e isso me trouxe dificuldades no casamento porque me esqueci de ser uma mulher e me dediquei aos meus filhos. Mas, enfim, estou com eles.

Na SD5 podemos perceber que a mãe reforça a proposta de que estar com os filhos na infância é fundamental para que eles sejam felizes e saudáveis. Entretanto em sua fala é possível perceber uma série de lacunas de sentidos. Quando ela descansa? É preciso abdicar de ser mulher para ser uma boa mãe? Onde está o pai? “Vestir a camiseta de mãe” traz necessariamente problemas a um casamento? Esses silenciamentos, que também aparecem na SD4, são constitutivos do discurso do filme. Assim como nesses exemplos, várias outras falas de entrevistados acabam por servir à tese que o documentário quer apresentar, mesmo que muitos sentidos permaneçam abertos.

Portanto o destinador (A) é aquele que tem a resposta definitiva sobre a primeira infância ideal com base no discurso autorizado de especialistas e nos exemplos marcados pela credibilidade das histórias vividas pelos entrevistados. Além disso, a enunciação do documentário é monofônica, pois, apesar de apresentar a fala de várias pessoas, com exemplos diferentes e às vezes até antagônicos, todas elas enunciam a partir de uma mesma perspectiva.

## **2.2. Quem é ele para que eu lhe fale assim?**

A partir das SDs apresentadas, é possível definir, então, o destinatário (B) do filme, ou o espectador/leitor imaginado. Como dissemos acima, ele é um sujeito que está interessado em saber como é uma primeira infância ideal e, por não ser passivo, fará elos associativos a partir de seus próprios saberes ao consumir esse discurso (FAUSTO NETO, 1995). Portanto, esse destinatário é alguém para quem essa proposta de infância seja não só compreensível, mas desejada. Ou seja, alguém que faça o reconhecimento de si no outro —

aquele que aparece no documentário — a partir de seu imaginário individual e que aceite o modelo social apresentado pelo filme.

Cabe destacar que o sujeito que irá se enquadrar como esse espectador/leitor imaginado pelos realizadores do filme não será aquele que vive, por exemplo, em vulnerabilidade social e que não tem condições de oferecer a proposta de primeira infância apresentada pelo filme. Por outro lado, os destinatários do documentário também podem ser as instituições — como governos ou empresas — que os realizadores acreditam que possam mudar o começo da vida dessas pessoas em vulnerabilidade social.

Para falar com esses espectadores/leitores imaginados, como dissemos, é necessário que o destinador regule sua argumentação de acordo com o efeito que pensa produzir em seu ouvinte, como veremos a seguir.

### **3. Modos de organização do discurso do documentário**

Para compreender melhor a construção do discurso de “O começo da vida”, utilizaremos reflexões de Patrick Charaudeau. Interessa-nos particularmente suas noções sobre os modos de organização do discurso e o efeito de verdade. O autor define quatro modos em função das finalidades discursivas do ato de comunicação: o Enunciativo, o Descritivo, o Narrativo e o Argumentativo (CHARAUDEAU, 2008). Cada um deles possui uma função de base – ou finalidade discursiva – e um princípio de organização. O modo Enunciativo tem uma particularidade: “Sua função essencial é a de dar conta da posição do locutor com relação ao interlocutor, a si mesmo e aos outros (...)” (CHARAUDEAU, 2008, p. 74). Por isso ele é o modo que comanda os demais. Portanto, Charaudeau se aproxima da visão de Ducrot (1987) sobre a enunciação.

A função de base, para o autor, do modo Descritivo é identificar e qualificar; do Narrativo, construir a sucessão das ações; e, do Argumentativo, expor e provar casualidades. Segundo Charaudeau, o locutor, de acordo com a situação de comunicação, utiliza um ou mais modos de organização do discurso para produzir sentido através de seu texto.

Em “O começa da vida”, o modo Narrativo é percebido pela sucessão de entrevistas que contam uma história como se todos os locutores passassem por uma mesma experiência: a de ter um filho. Charaudeau (2008, p. 153) diz que:

Para que haja narrativa, é necessário um “contador” [...] investido de uma intencionalidade, isto é, de querer transmitir alguma coisa (uma certa representação

da experiência do mundo) a um “destinatário” [...] e isso, de certa maneira, reunindo tudo aquilo que dará um sentido particular a sua narrativa.

Considerando o que foi exposto até o momento, é possível perceber, então, que um dos modos de organização do discurso do documentário é o narrativo.

Em relação ao modo Descritivo, Charaudeau (2008) diz que ele consiste em ver o mundo com um “olhar parado”, a partir de três componentes: nomear, localizar-situar e qualificar. “Essa localização-situação aponta para um recorte objetivo do mundo, mas sem perder de vista que esse recorte depende da visão que um grupo cultural projeta sobre esse mundo” (CHARAUDEAU, 2008, p.114). Já qualificar, para o autor, é reduzir a infinidade do mundo, construindo classes e subclasses de seres. A qualificação atribui um sentido particular a esses seres. “De fato, toda qualificação tem origem no olhar que o sujeito falante lança sobre os outros seres e o mundo, testemunhando, então, sua subjetividade” (CHARAUDEAU, 2008, p. 115).

Chama a atenção que, no documentário, só são nomeados e qualificados os especialistas. Todos eles são identificados por seus nomes e funções ou profissões, que, em muitos casos, indicam também seus lugares de atuação. Os demais entrevistados, personagens dos acontecimentos, não têm seus nomes divulgados e também não são situados-localizados. Nesse sentido, o discurso do filme estabelece “classes e subclasses de seres” ao definir que os *experts* devem ser nomeados e qualificados, enquanto as pessoas que vivenciam os acontecimentos interpretados por esses especialistas não precisam de identificação, como se todas vivessem uma mesma narrativa, que só muda de acordo com suas situações sociais.

Já o modo Argumentativo também pode ser identificado no documentário, e ele está diretamente relacionado ao Descritivo.

[...] descrever e argumentar são atividades estreitamente ligadas, na medida em que a primeira toma emprestado à segunda um certo número de operações lógicas para classificar os seres [...], e a segunda só pode exercer-se a respeito de seres que têm uma certa identidade e qualificação [...]. (CHARAUDEAU, 2008, p. 112)

Como vimos, no filme, são os especialistas que aparecem com suas qualificações, que dão base à argumentação do filme ilustrada pelas histórias vivenciadas pelos personagens. Charaudeau (2008) explica que, frequentemente, o aspecto argumentativo de um discurso está no implícito. Para que haja argumentação, é necessário que exista: 1) uma proposta sobre o mundo que provoque um questionamento em alguém quanto à sua legitimidade; 2) um

sujeito que se engaje em relação a esse questionamento (convicção) e desenvolva um raciocínio para tentar estabelecer uma verdade quanto a essa proposta; 3) um outro sujeito que se constitua no alvo da argumentação (CHARAUDEAU, 2008).

No caso de “O começo da vida”, a proposta fica bastante evidente: é preciso valorizar e cuidar da primeira infância. Existe claramente “um sujeito” — as instituições que realizam o filme e seus próprios realizadores, ou um enunciador monofônico, como vimos — que “se engaja” em relação a essa convicção e que desenvolve um raciocínio para tentar estabelecer uma verdade. Por fim, existe o alvo da argumentação: o espectador/leitor imaginado.

Em relação à sua organização, a argumentação se compõe, segundo Charaudeau (2008), de três elementos básicos: a Asserção de Partida/Premissa (A1), a Asserção de Chegada/Conclusão (A2) e a Asserção de Passagem/Argumento ou Prova. A passagem de A1 para A2 não pode ser feita de forma arbitrária; deve ser justificada por uma relação de causalidade. No filme, esses elementos ficam muito evidentes.

O questionamento provocado pelo filme é o seguinte: qual a importância dos primeiros anos de vida na formação de um indivíduo?

- a) Asserção de partida (A1) – A primeira infância deve ser valorizada.
- b) Asserção de passagem – Investir na primeira infância é determinante para o futuro de cada criança e, por consequência, da sociedade.
- c) Asserção de chegada (A2) – É fundamental que o *principal investimento na infância* ocorra nos primeiros anos de vida da criança.

Essa conclusão (A2) fica bastante clara na última fala do filme, dita por um especialista:

**SD6**-Então quando ajudamos a criança e investimos na primeira infância, estamos investindo na sociedade como um todo. Se mudarmos o começo da história, mudamos a história. Para melhor. [Raffi Cavoukian, fundador do Centre for Child Honouring]

A passagem de A1 para A2, no filme é justificada pelas relações de causalidade que são mostradas nos exemplos dos entrevistados. Fica clara a preocupação dos realizadores do filme em apresentar famílias com diferentes composições — crianças adotadas ou cuidadas pelos avós, mães adolescentes, filhos de duas mães etc. — e de diferentes etnias. São mostradas também relações afetivas e positivas dos adultos com as crianças tanto em famílias pobres e ricas; entretanto, a construção da história se dá a partir da proposta de que a primeira infância deve ser valorizada e que problemas como a vulnerabilidade social determinam um

futuro problemático para as crianças. A Asserção de Passagem, ou os argumentos, então, para chegar à conclusão do filme, é feita principalmente pelas falas dos especialistas, como exemplificamos nas seguintes SDs:

**SD7**-Se compararmos o número de palavras que crianças carentes ouvem com o número de palavras ouvidas por crianças de famílias mais cultas, há uma diferença enorme no número de palavras por hora. E pesquisas comprovam que realmente há uma diferença. Essa diferença pode chegar a 30 milhões de palavras a menos ouvidas pelas crianças de famílias carentes. [Patrícia K. Kuhl, codiretora do Institute for Learning & Brain Sciences da Universidade de Whashington, EUA]

**SD8**-Por que essa diferença é importante? Porque sempre que um pai fala com seu filho, isso provoca algo no filho, é um estímulo para a criança e forma conexões cerebrais. Se uma criança ouve 30 milhões de palavras a menos que seus pares, já é um território desigual. [Pia Rebello, diretora global da Unidade de Desenvolvimento da Primeira Infância – Unicef]

**SD9**-A ciência diz que não se pode ajudar as crianças sem ajudar os adultos que cuidam delas [...] A consequência de não dar às crianças o que precisam custa muito para a sociedade. E mesmo para as pessoas que dizem: “Eu cuido bem dos meus filhos. Eu dou duro, as coisas não vêm fácil, mas estou cuidando bem deles. Não é justo pedir para me responsabilizar pelo que os outros não fazem pelos filhos. Estou preocupado com os meus”. A resposta é: “A vida dos seus filhos quando crescerem será mais fácil ou difícil com base em quantas pessoas da idade deles estão contribuindo ou são um peso para a sociedade”. [Jack Shonkoff, diretor do Center on the Developing Child, na Universidade de Harvard, EUA]

É a partir do modo Argumentativo presente no discurso do documentário, então, que podemos chegar ao efeito de verdade construído pelo filme e sobre o qual discorreremos a seguir, chegando ao nosso objetivo final.

### **3.1. Efeitos de verdade no discurso de “O começo da vida”**

Até aqui, vimos que o documentário tem como público imaginado aquele que pode oferecer aos filhos pequenos as condições de vida defendidas pelo argumento do filme e/ou instituições que possam interferir nessa situação socioeconômica. Além disso, a obra tem seu discurso organizado de modo a defender a valorização da primeira infância e também a relatar que a vulnerabilidade social das crianças de menores idades determina, de forma peremptória, problemas na vida adulta desses meninos e meninas. Essa, portanto, é uma das “verdades” construídas pelo filme, entendendo o termo aqui, a partir da concepção foucaultiana, como “um conjunto de procedimentos regulados para a produção, a lei, a repartição, a circulação e o funcionamento dos enunciados. A ‘verdade’ está circularmente



ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem” (FOUCAULT, 2010, p. 14).

Ou seja, para Foucault, a “verdade” dos discursos não é a validade dos conteúdos proferidos, mas as condições que permitem que essas narrativas sejam tidas como pertinentes pela sociedade que as consome. Daí sua ligação com o poder, porque, para que a “verdade” seja construída, é preciso que outras sejam impedidas de circular e se estabelecer, ou seja, sejam tidas como um “discurso falso”. E esse procedimento de validação de certas “verdades” em detrimento de outras se faz de acordo com os modos de funcionamento de uma sociedade; isto é, são os grupos sociais que criam os canais que permitem que certas “verdades” sejam assim entendidas bem como definem quem são os sujeitos que podem diferenciar os discursos que têm status de verdadeiros dos que não têm. São, portanto, estratégias de poder e de coação que estão envolvidas na teia discursiva que define quem somos e em que acreditamos como sociedade.

Entre os mecanismos para obtenção do estatuto de “verdade” estão a sua validação enquanto argumento científico ou enquanto elemento importante para o bom funcionamento da economia ou do poder político, mas não só. É preciso também que a “verdade” circule, que seja consumida, que seja conhecida pela sociedade na qual ela quer se estabelecer: “[a verdade] é produzida e transmitida sob o controle, não exclusivo, mas dominante, de alguns grandes aparelhos políticos ou econômicos (universidade, exército, escritura, meios de comunicação); enfim, é objeto de debate político e de confronto social (as lutas ‘ideológicas’)” (FOUCAULT, 2010, p. 13). Seriam esses, portanto, os “efeitos de verdade” construídos no interior dos discursos, aos quais nos voltamos a esse trabalho.

Charaudeau diferencia o “valor de verdade”, que tem a ver com uma explicação objetiva do mundo, “elaborada com a ajuda de uma instrumentação científica” (2007, p. 49) do “efeito de verdade”, que se opera, assim como na visão de Foucault, dentro dos discursos, a partir da luta argumentativa entre os que falam: “o que está em causa aqui não é tanto a busca de uma verdade em si, mas a busca de ‘credibilidade’, isto é, aquilo que determina o ‘direito à palavra’ dos seres que comunicam, e as condições de validade da palavra emitida (2007, p. 49). Assim, Charaudeau parece se voltar mais para a estrutura discursiva do que para cenários amplos aos quais se dedica Foucault. No entanto, os dois estudiosos chamam a atenção para os modos como a “verdade” se estabelece por e nos discursos.

Em “O começo da vida”, como já dito, fica clara a predominância do discurso científico como balizador dos efeitos de verdade, traduzido na fala de dezenas de *experts*, voltados ao estudo da infância em diferentes aspectos. Eles reforçam a importância dessa fase do desenvolvimento (descrita como a mais importante do ser humano), mas também do *vínculo estabelecido entre adultos e crianças pequenas* — esse seria, aliás, a principal forma de dotar a criança das condições adequadas para o seu pleno desenvolvimento. Vejamos dois exemplos, que abordam o crescimento cognitivo das crianças e sua ligação com os adultos, para além dos já mostrados neste texto:

**SD10**-Mesmo filósofos, psicólogos e psiquiatras pensavam que os bebês eram irracionais, egocêntricos, que eram imorais [...] Em vez de vê-los como tábulas rasas, hoje já sabemos que eles são os melhores cientistas e alunos que conhecemos no mundo [...] Acontece que elas são ultrasensíveis aos padrões de informação e a tudo o que acontece ao seu redor. Eles usam essas informações para tentar resolver problemas. [Alison Gopnik, psicóloga e pesquisadora da Universidade da Califórnia, EUA]

**SD11**-Para os bebês, desde o nascimento até os primeiros anos de vida, o cérebro faz ligações entre neurônios numa velocidade impressionante. [...] O mais importante são as pessoas que interagem regularmente com a criança. O que chamamos de interação “bate bola” entre bebês e adultos. O bebê faz algo como sorrir, balbuciar ou reclamar, e o adulto responde ao que o bebê está fazendo. [Jack Shonkoff, diretor do Center on the Developing Child, na Universidade de Harvard, EUA]

Mas, como lembra Foucault, o argumento econômico e político também representa uma estratégia importante para o estabelecimento do “efeito de verdade”. Seguem-se então falas de estudiosos da área econômica, que discorrem sobre o desenvolvimento da criança e sua relação com o cenário produtivo — James Heckman, Nobel em economia, fala de sua pesquisa sobre o retorno do investimento na primeira infância. E eles também abordam o tema em bases cognitivas (reforçando o vínculo), porém sem falar sobre as fontes que atestam a validade “científica” da afirmação:

**SD12**-A mãe é a principal responsável na construção do capital humano de seu filho. Esse amor materno é uma parte importante da economia e que não é totalmente reconhecido na sociedade. Não quero minimizar o papel do homem [...] Filhos de pais ausentes crescem em situação muito pior. Mais também acho que a função da mãe é essencial. Já vimos muitos família em que uma mãe, sozinha, mesmo sem um homem, criou filhos muito bem-sucedidos [...] [James Heckman, Nobel em Economia]

**SD13**-Entre os neurônios, vem o afeto e faz com que aquela ligação seja tão forte que ela nunca mais será desfeita [Flavio Cunha, Economista na Rice University, EUA]

E o contrário também acontece: a fala político-econômica está presente em discursos de estudiosos de outras áreas, que usam esses dois campos para conferir validade e importância às suas afirmações:

**SD14**-As consequências de não dar às crianças o que precisam custam muito para a sociedade. [Jack Shonkoff, diretor do Center on the Developing Child, na Universidade de Harvard, EUA]

**SD15**-Esse mundo investe em satélites, em diversas áreas, para conhecer novos planetas, em ir pra Marte, pra Lua, pra Urano. A gente não vai investir na condição humana, na humanidade que está nascendo? [Vera Cordeiro, médica e fundadora da Fundação Saúde Criança, Brasil]

**SD16**-Acreditamos que o cuidado atrai gestos de cuidado. E acho que esse é um ótimo exercício de cidadania, um belo treinamento para a construção de um homem. [Simona Spaggiari, atelierista de Reggio Emilia, Itália]

Aqui, vale uma observação: Giselle Bündchen, modelo, não aparece creditada, mas sua figura amplamente conhecida se destaca dos demais, pois é a única que não é gravada com seus filhos, assim como acontece com os especialistas. É também o único exemplo parental de pessoa pública. Assim, ela se torna uma figura híbrida na narrativa do filme, que compartilha “códigos” narrativos atribuídos aos dois papéis, reproduzindo inclusive o discurso científico, ainda que sem mostrar comprovação:

**SD17**-A A criança é uma esponja, tudo o que ela tá absorvendo naquele momento da vida dela é uma referência para o resto da vida dela.

**SD18**-Acho que o meu dever é criar um ambiente seguro, com amor, onde eles possam florescer para ser a luz que eles são.

Já as falas dos pais e avós surgem como parte da comprovação dos discursos científicos sobre o *vínculo*: o contraditório não aparece, os obstáculos são transponíveis, os problemas são minimizados, em nome do amor parental e da importância de tomar conta dos filhos. Esses testemunhos são a comprovação da descoberta científica sobre a importância da ligação entre adultos e crianças. Não aparecem conflitos em discursos de pais que deixaram o trabalho — mesmo os mais pobres mostram firmezas em suas escolhas — e não há dúvidas em casais homoafetivos ou que adotaram — os filhos estão preparados para enfrentar o preconceito, pelos cuidados recebidos —, pois todo o esforço na criação dos filhos é recompensado:

**SD19**-A gente decidiu que a gente ia amar tanto eles e a gente ia sempre falar sobre tudo com eles que eles iam ser muito seguros de si para poder conversar com quem viesse a perguntar o que fosse. [mãe, num relacionamento homoafetivo]

**SD20**-Tava trabalhando na creche, de auxiliar de limpeza, direitinho, só que eu tava faltando muito porque eu não tava conseguindo alguém para ficar com ele. [...] Então, entre optar deixar o meu filho na mão de qualquer pessoa e trabalhar, eu preferi ficar com ele. [mãe que vive numa ocupação]

**SD21**-Meu filho ficou muito doente e precisava de sangue. Então, seu próprio pai doou sangue a ele. Mas ele ainda precisava de mais sangue. Então, peguei US\$ 765 emprestados na cidade. Por isso, tenho de trabalhar para pagar a dívida. [mãe indiana]

Porém, como mostramos acima, nas famílias pobres, apesar do vínculo estabelecido, outras carências enfrentadas pelas crianças não são mais possíveis de serem remediadas. Nas classes mais altas, isso é sublimado. Por exemplo: a mãe de classe média que trabalha reforça a qualidade do afeto que a babá oferece ao filho. Já uma babá que também tem de deixar a filha com uma cuidadora não fala sobre o carinho recebido pela menina por essa pessoa, mas apenas expressa seu desejo de poder ficar mais com a garota.

**SD22**-Você ir trabalhar e deixar o seu filho, sabe, ele esticando o bracinho para ficar com você e você ter de sair para trabalhar, gente, não é fácil, é muito difícil. Aí é onde entra o meu anjo. Porque meu filho se divide, entre eu e ela [a babá Dani]. [mãe de classe média]

**SD23**-Eu gostaria de passar muito mais tempo com ela, mas não dá. Eu preciso trabalhar. [babá, mãe de classe baixa]

Assim, compreendemos que o discurso do filme se constrói por meio de “verdades” proferidas por estudiosos da cognição ou economistas, que por vezes utilizam argumentos de outras áreas que não as suas. Além disso, voltando à sinopse da obra, exposta no início deste texto, percebe-se que as experiências individuais servem para mostrar que *não* há distância entre “o que a Ciência tem falado sobre o desenvolvimento das crianças e os contextos e situações vividos pelas famílias” (já que o vínculo entre adultos e crianças sempre aparece), mas apenas no caso daquelas de maior poder aquisitivo o crescimento cognitivo se completa. Essa é a “verdade” mais destacada construída pela obra e, portanto, a ideologia defendida por ela.

#### 4. Considerações finais

“O começo da vida” é o baluarte de um movimento em prol da primeira infância, organizado por instituições sociais mantidas por herdeiros de grandes fortunas, e estruturado

em torno de ações que estimulam o consumo cultural, e não a interferência política ou econômica, apesar do peso de seus patrocinadores no cenário financeiro brasileiro. Tendo esse contexto em mente, analisamos o documentário, investigando tanto o público/espectador imaginado para o qual foi pensado bem como a construção do seu discurso.

Notamos que, apesar das intenções de estimular a geração de um movimento global, a obra se destina para um público bastante recortado: aquele que não apenas concorda com a premissa do filme, de valorização da primeira infância, mas que também tem condições de oferecer as situações socioeconômicas ideais descritas pela obra (sejam pessoas físicas, sejam instituições). Nesse sentido, percebe-se que a narrativa é construída ressaltando a importância do desenvolvimento cognitivo na primeira infância e ainda afirmando que qualquer perda durante esse período, causada sobretudo pela pobreza, é irremediável e causa danos permanentes. Assim, valoriza-se mais o que a criança será, como adulto, e não suas experiências como infante. Os “efeitos de verdade” construídos por essa argumentação, ou seja, as condições tecidas por seus realizadores para que a narrativa seja considerada “válida” pela sociedade, envolve o discurso científico (cognitivo) e político-econômico, reforçado pelos testemunhos de pais e avós — de diferentes países, etnias e classes —, sobre o vínculo estabelecido entre adultos e crianças. Não há espaço para o contraditório.

Assim, podemos afirmar que o documentário “O começo da vida”, ainda que defenda medidas importantes de proteção das crianças pequenas, constrói um discurso de exclusão, em que algumas crianças terão possibilidade de vir a ser bons adultos, mas outras não. Não se trata apenas de valorizar o começo da vida, mas de desenhar um único início possível e, de modo determinista, defender que a partir dele toda a trajetória da criança será estabelecida. Esse é o discurso a ser consumido. O começo, assim, já é ao mesmo tempo o fim.

## Referências

- BACCEGA, Maria A. O consumo no campo da comunicação/educação: importância para a cidadania. In: CASAQUI, Vander; ROCHA, Rose de M. (Orgs.). **Estéticas midiáticas e narrativas do consumo**. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- BENETTI, Marcia. Análise do discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, Cláudia; BENNETI, Marcia (Orgs.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- CANCLINI, Néstor G. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.

\_\_\_\_\_. **Linguagem e discurso**: modos de organização. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz T. da (Org.). **Numa fomos humanos**: nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FAUSTO NETO, Antônio. A deflagração do sentido. Estratégias de produção e de captura da recepção. In: SOUSA, Mauro W. de (Org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**, São Paulo: Brasiliense, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2010.

ORLANDI, Eni P. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. **Análise de discurso**: princípios & procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2000.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993.

OROFINO, Isabel. Recepção, consumo, crianças: apontamentos para uma reflexão sobre o conceito de *agência* na infância. In: CASAQUI, Vander; ROCHA, Rose de M. (Orgs.). **Estéticas midiáticas e narrativas do consumo**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

RUIZ, Castor M. M. B. **Os paradoxos do imaginário**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

SILVA, Juremir M. da. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2005.